

AS GÍRIAS UTILIZADAS NOS ESTABELECIMENTOS PRISIONAIS BRASILEIROS: PERSPECTIVAS SOCIOLINGUÍSTICAS

Samille Cristina Groxko¹

E-mail: scgroxko@hotmail.com

Roziane Keila Grando (orientadora)²

Linha de pesquisa: Sociolinguística

RESUMO: Sabendo que as gírias podem ser consideradas herméticas, ou seja, difíceis de serem entendidas pelos indivíduos que não fazem parte do grupo (ARRAZ, 2019), este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de identificar o uso de vocábulos e códigos utilizados em dois sistemas prisionais do contexto brasileiro, apresentando as variedades lexicais, em específico as gírias, faladas pelos detentos das unidades prisionais do interior do Centro-Oeste do Paraná- PR/ Brasil, expondo uma comparação aos usos de detentos em cumprimento da pena do Estado do Mato Grosso- MT. Utilizou-se o método indutivo e geração de dados por meio de Diário de Campo do pesquisador, aliando-se à pesquisa bibliográfica para triangulação dos dados. O estudo mostrou como resultados que as palavras e expressões usadas pelos sentenciados exibem uma criação de gírias sem que eles estejam atentos ao conhecimento linguístico e, ao mesmo tempo, evidenciou que tais escolhas lexicais se encaixam na categoria de variações diastráticas, o que mostra a estigmatização social, uma vez que o uso das gírias e relações metafóricas exibem as condições sociais dos detentos.

Palavras-chave: Gírias; Estigmatização social; Sujeitos privados de liberdade; Variação linguística.

Introdução

A língua é utilizada como um meio de interação social que permite fazer a troca de informações, dados, transmitir ideias, sentimentos, pensamentos e manter contato nas áreas: familiares, profissionais, afetivas, pessoal e, ao usá-la, os indivíduos não só transmitem os conhecimentos internalizados em si próprio, mas também assimilam o saber de seus interlocutores (MOLLICA, 2012).

Luiz Carlos Travaglia (2003, p. 23) afirma que a “língua é fundamental para a comunicação entre os indivíduos, com todos os efeitos da comunicação, se dá de maneira eficiente e competente”.

¹ Graduanda em Letras na Universidade Estadual do Centro- Oeste (UNICENTRO). Graduada em Direito pela Faculdade Guarapuava (FG). Pós-Graduada em Direito Constitucional e em Direito Processual Penal pela Faculdade IBMEC São Paulo e Instituto Damásio de Direito,

² Professora substituta do curso de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/G). Doutora em Linguística aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduação em Letras Português e suas literaturas pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

Estabelecer comunicação significa relacionar-se com outros indivíduos em um determinado ambiente/contexto adequando à situação social em que se está inserido. Na área da Linguística, há uma subárea que estuda a língua em seu contexto social. Essa ciência está presente na fronteira interdisciplinar entre a língua e sociedade, que tem como foco os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneos (MOLLICA, 2012).

Essa heterogeneidade se dá porque todas as línguas sofrem variações de acordo com o tempo, com o espaço e com a situação social do falante, isto é, além de uma mudança diacrônica (situações que ocorrem através do tempo) existe a variação sincrônica, (estuda a língua através de um recorte temporal) isso porque podem coexistir em uma mesma língua, devido ao seu dinamismo (CALVET, 2002).

Existem na sociedade grupos diversos que se caracterizam pelo léxico. Os profissionais de cada área utilizam jargões, os jovens e os grupos de Rap, Funk utilizam gírias. As ideologias variam em tipos de repertórios de gíria, incluindo os sistemas em que os usos linguísticos são estereotipados e, os sistemas de habitação pelos quais existe a participação ou exclusão de grupos sociais específicos.

O domínio social em que as gírias se inserem funcionam efetivamente na comunicação, visto que ele corresponde à classe de pessoas competentes no seu uso, ou seja, hoje, um uso inclui não apenas gírias relacionadas à idade, mas também gírias associadas a determinadas classes sociais e profissões bem como registros especializados usados por membros de profissões criminosas.

Assim, as gírias entram e saem do uso com rapidez, mas muitas delas cruzam fronteiras do tempo e vão ganhando espaço, muitas vezes, chegam a se tornar vocabulário da linguagem comum e, às vezes, até substituem termos dos quais elas derivaram (AMARAL, 2000).

Em se tratando de contextos, temos as unidades prisionais brasileiras, espaço social em que é utilizado um vocabulário específico, nas condições naturais de interação social entre os detentos, em razão da proximidade e da relação interpessoal de seus interlocutores.

Desta forma, podemos caracterizar os falantes do sistema prisional como membros de uma comunidade linguística, enquanto grupo que utiliza um vocabulário específico para trocar informações com o objetivo de compreender e fazer-se compreendido no processo de interação social.

O trabalho em tela utiliza-se da abordagem indutiva, porque a partir de nossa experiência de trabalho no sistema prisional, como estagiária da Defensoria Pública de uma cidade do interior da região Centro-Oeste do Paraná, em prestação de atendimentos jurídicos nas unidades – uma penitenciária, foi possível identificar algumas recorrências de uso de

linguagem que nos chamaram atenção pela sua variedade e marcação de uma especificidade de um grupo de falantes. Com isso e, por meio de conversa com os agentes prisionais via redes sociais, foi possível fazermos anotações em um Diário de Campo. Essas anotações das principais ocorrências foram realizadas no período de 01 de setembro até o dia 21 de dezembro de 2021.

A partir disso foi possível relacionarmos os dados obtidos pela observação com pesquisa bibliográfica, que se fez a partir de levantamento de artigos acadêmicos relacionados ao tema. Assim sendo, trata-se de uma pesquisa qualitativa, com percurso de investigação por meio de registros realizados em Diário de Campo. Como nos mostra Oliveira (2014, p.72), “construímos o diário de campo para ser o lugar de registro dos movimentos, das leituras, dos tempos, espaços e das observações que ocorrem/ocorreram, enfim, do que na escola e comunidade vimos, ouvimos e vivemos.” Em nosso caso, na penitenciária em que estivemos trabalhando durante os três meses (01 de setembro até o dia 21 de dezembro de 2021).

A partir da contribuição dos pressupostos teóricos da Sociolinguística, nosso intuito foi identificar o uso de vocábulos e códigos utilizados em um dos sistemas prisionais em uma unidade prisional do interior do estado do Paraná, da região Centro-Oeste. Para tanto, foram observados quais são os usos mais frequentes de variantes dos falantes dessa comunidade de fala, procurando compreender o significado dessas variantes utilizadas e comparar se as variantes observadas no contexto da pesquisa em tela são recorrentes também no trabalho do Halan Coelho da Silva Gunther, que trabalhou com a variedade linguística presente em contexto prisional do Estado do Mato Grosso, ocorrida no ano de 2010. Depois disso, fazemos um contraponto entre as variedades encontradas nos dois estados verificando quais são os termos que são utilizados com o mesmo significado (que são iguais) e quais são os termos diferentes.

Destacamos que a escolha de comparar alguns resultados de Gunther (2010) aos dados de nosso trabalho se deu porque percebemos que há na pesquisa de Gunther (2010) a apresentação de termos/acepções semelhantes às que identificamos em nosso contexto de pesquisa. E, por se tratarem de gírias de lugares diferentes, o fato de algumas serem comuns nos instigou para continuar a pesquisa em tela, justamente porque, apesar de se passarem dez anos, algumas dessas gírias também são encontradas no contexto paranaense e, certamente, permanecem no contexto mato-grossense.

Comunidades de fala no contexto brasileiro

A língua é um fenômeno complexo e é influenciada por muitos fatores. No Brasil, a língua portuguesa passou por “processo de colonização, envolvendo problemas do bilinguismo, da aculturação, das mudanças, dos conflitos e interferências e da homogeneização” (OGLIARI, 1999, p. 1). Por isso, uma de suas características é a variação linguística.

Isso Travaglia (2003, p.41) revela em sua seguinte afirmação:

todos sabem que existe um grande número de variedades linguísticas, mas, ao mesmo tempo em que se reconhece a variação linguística como um fato, observa-se que a nossa sociedade tem uma longa tradição em considerar a variação numa escala valorativa, às vezes até moral, que leva a tachar os usos característicos de cada variedade como certos ou errados, aceitáveis ou inaceitáveis, pitorescos, cômicos, etc.

O autor demonstra que a sociedade é preconceituosa no que diz respeito a língua. A variação linguística é considerada pelo autor, como uma escala que os próprios falantes utilizam para classificar os erros linguísticos. O problema é que não se pode julgar uma pessoa pela sua fala, a variação vai além disso, deve-se ter uma visão mais ampla da linguagem e com menos preconceito.

Para Amaral (2000, p. 323), na “língua ocorrem a variação sociocultural – convivência em um determinado grupo social; a variação geográfica – região de convivência do falante por um tempo e; a variação histórica – época em que o falante vive.”

A variação sociocultural, isto é, a diastrática, é aquela que possui influência das condições sociais dos indivíduos. Para Travaglia, (1996, p. 45), “o dialeto simboliza as variações que acontecem em conformidade com a classe social que o indivíduo está inserido”. Para o autor, existe uma semelhança entre as formas da fala de um mesmo grupo sociocultural da comunidade. Assim, podem ser vistas como variações da língua pelo caráter social: as gírias, os jargões profissionais ou de classes, como de professores, policiais, juízes, marginais etc.

Travaglia (1996) dispõe ainda:

a gíria, definida como forma própria de utilização da língua por um grupo social o qual se identifica por esse uso da língua e se protege do entendimento por outros grupos, pode também ser considerada como forma de dialeto social. (TRAVAGLIA, 1996, .45)

O termo dialeto surgiu na Grécia possuindo as características da pronúncia, léxico e morfossintaxe distintos. Na sociolinguística moderna, os dialetos urbanos caracterizam-se pela “convergência dialetal e pela mescla de variedades, na medida em que falantes de diferentes regiões/classe entram em contato” (BAGNO, 2017, p. 84). O senso comum dá ao dialeto

conotações negativas, “como se fosse uma forma errada e deturpada de falar a língua”. (BAGNO, 2017, p. 84). A escolha do dialeto, por sua vez, dá-se como um suporte para construção de um padrão que se deve aos acontecimentos “sociais, políticos, históricos e culturais, e não às supostas qualidades intrínsecas desse dialeto em relação aos demais” (BAGNO, 2017, p. 84).

O uso de gírias

De acordo com Preti (1984, p. 19), “[...] a gíria se apresenta como um vocabulário agregado à linguagem corrente, sendo usada nas mais variadas situações e pelos mais diversos tipos sociais de falante”. A gíria geralmente sugere que a pessoa que a utiliza esteja familiarizada com o grupo ou subgrupo do ouvinte, isso pode ser um fator distintivo da identidade dentro do grupo. Diferentes gírias são usadas entre diferentes culturas, interesses populares, ocupações ou considerando ainda o lugar em que os falantes moram.

Segundo Preti (1984 p.11), as gírias são:

[...] variações sócio-culturais da linguagem, empregadas. [...] como recursos expressivos, servindo para uma comunicação mais eficiente que, conforme as conveniências sociais, bem como, situações de uso, intenção dos interlocutores, podem tornar-se menos ou mais fechadas. (PRETI, 1984, p.11)

Neste caso, “as gírias são criadas pelo prazer popular, não seguindo nenhuma regra gramatical” (CABELLO, 1991, p 24). Podemos considerar que as gírias são, em boa parte das vezes, como fonte de construção de uma nova palavra atribuindo significado a uma palavra que já existe, ou seja, “as gírias unem o significado especial às palavras comuns do cotidiano, e esse processo é chamando de neologismo” (CABELLO, 1991, p.30).

O Neologismo, por sua vez, é definindo por Boulanger (1979) como:

Uma unidade do léxico, palavra, lexia ou sintagma, cuja forma significante ou a relação significante/significado não estava realizada no estágio imediatamente anterior de um determinado sistema. Neologismo constitui, assim, uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova atribuída a um elemento existente, ou então uma unidade recebida de um outro código. (BOULANGER, 1979 apud ALVES, 2002, p. 207).

Cabello (1991) explica que o neologismo é classificado em formal e semântico, esse é a utilização de uma palavra com significado/sentido diferente, ou seja, pelo uso de uma unidade lexical, aquele apresenta uma forma não alterada do registro da língua. Nada mais é que a “criação de uma nova palavra, por meio da derivação, composição, formação por siglas, redução de palavras” (CABELLO, 1991, p.31).

As gírias, segundo o mesmo autor, nascem em um determinado grupo e são passadas, depois, para gíria comum, ou seja, elas começam com uma palavra de uso, transformando-se em uma gíria usada. Tanto é que as pessoas esquecem a palavra original/sua derivação e, finalmente, passa a ser considerada uma palavra comum da língua.

Por outro lado, o falante faz a escolha do linguajar a ser usado, considerando que esse sujeito faz parte de mais de uma comunidade falante, podendo escolher a variante mais adequada para cada situação, “além da avaliação da intencionalidade e aceitabilidade diante das relações dialógicas” (CABELLO, 1991, p.51).

As relações sociais, porém, agem sobre a dinâmica da linguagem e o emprego da gíria vai, a pouco a pouco, se estendendo para certos contextos situacionais onde, em tempo anterior, não era desejada nem admitida. Caminha para um segundo estágio, ao extrapolar os limites do grupo restrito, e penetra um domínio intermediário, no qual ainda não perde o estigma do grupo de origem, mas não está, ainda, incluída na linguagem comum. Esse segundo estágio e domínio intermediário são os da gíria em trânsito. Daí ela passa a um terceiro estágio, no qual perde aquele estigma, quando se vulgariza: é o estágio da gíria comum. Daqui pode passar facilidade à linguagem comum. (CABELLO, 1991, p 51).

A linguagem não é tanto uma criadora e modeladora da natureza humana, mas uma janela para a natureza humana (PINKER, 2005). A gíria é uma das maneiras de as línguas mudarem e serem renovadas. Sendo que ela é um fenômeno sociolinguístico podendo ser “analisada com dois olhares: a da “gíria de grupo” (PRETI, 2004, p.15) que nada mais é que a linguagem utilizada por um determinado grupo com suas características de forma restrita e da “gíria comum”, (PRETI, 2004, p.15) utilizada por falantes após a divulgação das gírias restritas”.

Na gíria de grupo existem as relações entre a linguagem, o grupo e o papel que se relacionam com a interação social. Nos presídios, por exemplo, os apenados utilizam a gíria em grupo para não serem compreendidos pelos policiais penais e pela sociedade em geral, isto é, os detentos utilizam estas gírias como códigos para facilitar a prática de criminosa.

De acordo com Oliveira (2006), por meio do estudo da gíria, entende-se a visão de mundo dos falantes, pois a linguagem é uma forma eficiente de as pessoas demonstrarem um modo de vida específico. Em pesquisa realizada na Antiga Casa de Detenção de São Paulo, Stella (2003) identificou que “a gíria, é um meio de identificação entre os detentos, no interior do presídio, configura com um código, muitas vezes desconhecido, até pelos guardas.”

Ao observarmos as gírias das unidades prisionais, percebemos que elas podem ser vistas até como metáfora, porque a boa parte das palavras que os detentos usam é constituída pela transformação do sentido das palavras, isto é, para um sentido figurado. Como mostra o

Dicionário do Português Contemporâneo, organizado por Francisco Borba (2004, p. 914), metáfora é o “recurso linguístico que consiste em transferir o sentido de uma palavra para outra, como resultado de uma associação por causa de algum tipo de semelhança”. Para Cançado (2012, p. 22), essa transformação de sentido é realizada por meio de “uma comparação na qual há uma identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para outro”.

Trazendo as gírias ao contexto do Sistema Prisional, Werner (1983, p.134 apud Remenche (2003, p. 43) define a metáfora como uma figura de linguagem e:

[...] essa figura funciona como uma autoproteção intelectual do indivíduo, representando a consequência de duas tendências: a de reprimir uma representação ou uma ideia cuja expressão é tabu em sentido de pecado ou perigo, atitudes corriqueiras na vida das pessoas que compõem esse grupo, e por outra parte, não obstante, fazer possível a comunicação linguística (WERNER, 1983, p.134 apud REMENCHE, 2003, p. 43).

Colocado isso, observamos que as metáforas, na gíria dos detentos, podem ter eufemismos e disfemismos, de acordo com sua função social. Dessa maneira, os reeducandos, em uma tentativa de suavizar a fala, podem utilizar o eufemismo, por exemplo, o termo metafórico “decretado” para a pessoa que vai ser executada; ou disfêmica, como na expressão “talarica”, referindo-se à namorada. As gírias, em geral, exigem dos falantes/ouvintes um conhecimento contextual. E, o linguajar dos detentos pode ser tão diferente que, aos ouvidos de outros indivíduos que não convivem com eles pode parecer se tratar de outro idioma. Com isso, as pessoas que não vivenciam essa realidade, ao ouvir as gírias, necessitam de um “tradutor” para entender o sentido das palavras.

Discursos e identidades no contexto penitenciário

Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN)³, o Brasil é um dos países que mais possui população carcerária no mundo, estando em terceiro lugar, o que significa que esses indivíduos podem viver em ambiente fechado por muitos anos. Ao longo do tempo, na prisão, a linguagem dessas pessoas pode sofrer impactos. Para Leite (2003, p.18), “os falantes, naturalmente, quando produzem seus discursos, revelam aspectos da sociedade em que vivem”. Pensamos que os detentos devem estar conscientes do modo que mobilizam a língua, pois além de transmitir imagens e significados, permite a comunicação

³Conforme o Ministério da Justiça e Segurança Pública há 726.712 pessoas presas no Brasil. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil>. Acesso em: 19 mar.2022.

O Sistema Penitenciário tornou-se um local de encontro e organização de vários grupos de indivíduos que, por meio da utilização de metáforas, desenvolveram gírias com a finalidade de enganar os guardas ou impedi-los de saber o que está acontecendo entre os detentos. A linguagem usada pelas pessoas encarceradas, com sua experiência de vida, comportamento e suas características, pode não ser vista com bons olhos pelas pessoas que estão fora desse sistema, gerando preconceito, consciente ou inconscientemente e intolerância. Assim,

a gíria, signo de grupo restrito, além de marcada pelo estigma de origem, conduz a uma leitura do mundo específica do falante. Muitas vezes ela chega a estampar a miséria, a insegurança, a humilhação, a revolta contida, a insatisfação, o medo, a opressão, a rebeldia, o desprezo, a mágoa pelas injustiças sociais, enfim, um conflito de contrariedades, verdadeiro mecanismo social de defesa e também de agressão. (CABELLO, 2002, p. 178)

Em uma visão geral, a sociedade classifica os indivíduos e coloca atributos comuns a cada uma dessas classificações. Para Goffman (1988, p.12), o estigma “é uma caracterização imputada pela própria sociedade, devido às suas expectativas normativas”, ou seja, uma identidade social virtual, e o “indivíduo possui na realidade, sua categoria e seus atributos”, o que equivale a uma identidade social real. Como mostra Goffman (1988),

o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso. [...] um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo... (GOFFMAN, 1988, p. 13).

Um indivíduo estigmatizado é aquele que tem uma característica negativa que ofusca todas as outras características boas, limitando as relações sociais. “Os “cidadãos de bem” que não são estigmatizados, tendem a fazer discriminações e ter preconceitos em relação às pessoas estigmatizados o que pode gerar problemas sociais, com a segregação” (GOFFMAN, 1988, p.15).

O estigma pode ser decretado e reforçado por meio de uma rotulagem. Capaz de conduzir a estereótipos, preconceitos e discriminação de grupos de pessoas, como os indivíduos envolvidos no sistema prisional brasileiro. A estereotipagem pode ser enraizada em normas e valores culturais e em estruturas e sistemas, tanto que os efeitos negativos em grupos marginalizados podem deixar de ser percebidos, tornando-se parte do comportamento rotineiro.

Goffman (1988, p. 39) dispõe que a “discriminação não impacta somente a vivência do estigmatizado, mas também pode se alastrar e ferir a família e amigos dele”. A imagem que uma pessoa possui de si é importante para sua construção das relações sociais, por esse motivo, o estigma é uma característica negativa, é algo que fere a sua identidade individual e social.

Bagno (2005), em seu livro *Preconceito Linguístico*, traz discussões acerca das implicações sociais da língua, demonstrando que a gíria está cercada pelo desprestígio do uso, mostrando uma estigmatização àqueles que não usam a variedade culta da língua.

Preti (2003, p 241), ao tratar do preconceito social que atinge a gíria, dispõe:

sua natural ausência [da gíria], na escrita (modalidade da língua mais planejada), e as restrições de seu emprego em muitas situações de comunicação, na língua oral, vêm comprovar uma atitude linguística de rejeição, por parte de quem fala ou escreve, o que torna a gíria um vocabulário marcado, cujo uso enfrenta preconceitos na sociedade.

A gíria diz respeito aos exercícios marginais, sem prestígio, fora da norma padrão, porém, é tida pelos falantes usuários como forma de defesa. Por vezes, reflete também uma forma de resistência social, de defesa em relação ao que o indivíduo sofre no dia a dia.

Coleta, apresentação e análise dos dados

A pesquisa nasceu da curiosidade de conhecer como se dá a adaptação da linguagem de um indivíduo que está em um sistema prisional ou mesmo trabalhando nele. Nesse contexto, torna-se obrigatório conhecer essa forma de linguagem para interagir, ou entender o que está em jogo no processo de comunicação desses espaços sociais.

Para a realização do artigo, buscamos nos aproximar do trabalho de Macedo (2010), quando o autor demonstra como se faz um diário de pesquisa:

além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista. (MACEDO, 2010, p. 134, grifo nosso)

Por meio do Diário de Campo foi possível registrar aquilo que ouvimos, vimos e sentimos na experiência de trabalho e que instigou a desenvolver a pesquisa em tela⁴. Trouxemos para a análise alguns exemplos de gírias observadas em nosso dia a dia, apresentando seus respectivos significados. Vale ressaltar que as gírias foram coletadas a partir da experiência vivenciada em local de cumprimento de pena e que as informações trazidas ao artigo não foram inventadas, sendo elas registradas em nosso Diário de Campo para depois triangular os dados em nosso trabalho.

⁴ Cumpre destacar que as anotações foram registradas pela autora ainda quando trabalhava no órgão da Defensoria Pública de Guarapuava, e tinha acesso ao sistema prisional e, por meio de conversa com os agentes prisionais, via redes sociais, os registros da pesquisa marcaram conversas que tivemos com os seis agentes da polícia penal da região centro-oeste, cujas anotações foram organizadas de acordo com as palavras que selecionamos para a amostra. Por exemplo: a palavra corda, no texto de Gunther (2010) era chamada de “tereza” e, então, no caso do nosso contexto, observava-se como que a palavra corda era nomeada pelos detentos.

Percebemos que o vocabulário do Sistema Prisional não funciona apenas como comunicação dos detentos, mas também uma manifestação de relação social no âmbito do grupo. Dessa forma, o indivíduo, em geral, é moldado para se adaptar às atitudes socialmente impostas pelo ambiente. Assim, observamos que as gírias criadas pelos grupos de detentos são utilizadas por todos os sentenciados até mesmo pelos recém-chegados na unidade.

Essa variação diastrática, segundo Santos e Melo (2019, p. 122),

explicita uma série de variáveis sociais que condicionam a variação linguística, sendo elas o grau de escolaridade, através do qual se supõe que falantes altamente escolarizados dificilmente irão produzir formas típicas de falantes não escolarizados, como nós vai ou a gente vamos; a variável sexo/gênero.

Assim as variações diastráticas são aquelas que estão ligadas aos grupos sociais a que o indivíduo pertence. Observamos, após nossa coleta, que alguns dos itens lexicais já estão dicionarizados, mas com definição diferente do que foi encontrado nas unidades prisionais, e qualquer indivíduo externo ao sistema pode ter acesso ao seu significado, isto é, percebemos que a identificação dos sentidos das gírias utilizadas no sistema prisional, com sua variedade linguística, já não pertence na sua totalidade ao grupo social do presídio.

Abaixo apresentamos algumas gírias que ouvimos e que são conhecidas no sistema prisional. Elas foram registradas em nosso Diário de Campo ao longo de nossa pesquisa para o trabalho de conclusão de curso, a partir de nossa vivência. Destacamos que, nessa unidade que atuamos durante os meses de nossa pesquisa, são encontrados detentos das mais diferentes regiões do Estado do Paraná: Foz de Iguaçu, São Mateus do Sul, Reserva, Prudentópolis, Ponta Grossa, Irati e União da Vitória e, do Estado de Santa Catarina: Joinville e Palhoça.

Quadro 01: Gírias identificadas na unidade prisional do interior da Região Centro-Oeste do PR

GÍRIAS UTILIZADAS PELOS DETENTOS DA REGIÃO CENTRO-OESTE DO PARANÁ	SIGNIFICADOS DAS GÍRIAS
Areia	Açúcar
Bandeira ou Guerreira	Toalha de banho
Barraco	Alojamento/cela
Blindada	Marmita
Bocuda	Portinhola
Boi	Vaso sanitário
Bombeta	Boné
Botinha	Cigarro
Broca	Qualquer objeto que possa ser usado para confeccionar um buraco.

Brotinho	Feijão
Cheirinho	Desinfetante
Coruja	Cueca
Dá um salve	Bater em outro detento
Decretado	Pessoa que vai ser executado
Dentaria	Escova de dente
Dormir na praia	Dormir no chão
Espelho	Testemunha do preso que está sendo acusado de falta no sistema.
Ferro ou Quadrada	Arma
Gravata	Advogado
Irmão	Membro de quadrilha, parceiro de confiança para prática de crimes diversos, homem de confiança pessoal, pessoa leal.
Jacaré	Serra
Jega	Cama/beliche
Marrocos	Pão
Móca	Café
Na pedra	Castigo/isolamento
Passa a mão na cara	Enganar o outro
Pena	Caneta
Pipa	Bilhete
Radinho	Aparelho celular
Resposta	Pessoa de Confiança
Talarica	Mulher de bandido, amante ou namorada
Tia	Corda
Tocaia	Emboscada, armadilha
Ventana	Janela
X9 ou Cagueta	Interno informante

Fonte: Autoria própria

Em primeiro lugar, dos termos acima, encontramos no dicionário com definição análoga os termos: areia, bandeira ou guerreira, barraco, boi, botinha, broca, brotinho, cheirinho, coruja, decretado, dentaria, espelho, ferro ou quadrada, gravata, irmão, jacaré, jega, Marrocos, móca, na pedra, pena, pipa, resposta, talarica, tia, tocaia, ventana, passarinho e x9 ou cagueta.

Podemos utilizar, como exemplo, a gíria “boi”. De acordo com o dicionário *on-line* de português⁵, é um animal mamífero, usado em serviço de carga e para corte, porém, na linguagem dos detentos, essa palavra é utilizada para referir-se ao “vaso sanitário”. Sendo que o boi é um animal que se alimenta de capim, os sentenciados relacionam o capim a tudo que ali é guardado.

⁵ Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 02 de mar. 2022.

Outro termo é “Gravata”. A expressão coletada na linguagem dos internos remete ao “advogado”. O Supremo Tribunal de Justiça⁶ exige as vestimentas aos causídicos que participam de uma sessão de julgamento. Como quase todos os defensores comparecem aos presídios utilizando “gravata”, o termo passou a ser utilizado como gíria.

Outro vocábulo é a expressão “Tia”, substantivo feminino que conforme o dicionário *on-line* de português⁷, consiste em “irmã do pai ou da mãe, em relação aos filhos destes”. Contudo, na linguagem dos internos, refere-se a uma corda feita com pedaços de pano (de camisetas ou de lençóis) e geralmente é usada para o transporte de coisas para outra cela.

Também trazemos para a análise a palavra “Pipa”, que na linguagem comum remete a um brinquedo que voa de acordo com a força do vento. No dicionário Houaiss⁸ (2009, p. 1496) o significado de pipa é “s.f. 4 LUD. m.q. papagaio.” No mesmo dicionário, ao buscar o verbete papagaio, encontramos: “s.m. 7 bilhete, aviso ou lembrete manuscrito. 28 LUD brinquedo que consiste numa armação leve de varetas, recoberta de papel fino, a qual se prende uma tira, o rabo, que lhe dá certa estabilidade quando empinado no ar por meio de uma linha, arraia, cafifa, pandorga, pipa, raia.” Para os sentenciados, significa bilhete porque “voa” de interno a interno até chegar ao seu destino.

Ressaltamos também a sentença “Dormir na praia”. Essa expressão, na linguagem das unidades prisionais significa que a pessoa vai dormir no chão, como se fosse acampar na praia.

Encontramos o termo “areia”, referindo-se ao açúcar. Esta comparação é feita em razão da forma (cor e consistência) do açúcar, pois se faz essa referência pela péssima qualidade do açúcar fornecido pelas unidades.

Outro termo que nos chamou atenção foi a palavra “Espelho” que na linguagem dos sentenciados remete à testemunha do preso que está sendo acusada de falta no sistema. Como o espelho reflete, em sua acepção do dicionário - às imagens e à semelhança -, a testemunha do preso, no momento do depoimento, vai falar o mesmo que o réu falou. A palavra “Espelho” consiste no dicionário *on-line*⁹ como o “vidro polido e metalizado que reflete a luz e reproduz a imagem dos objetos colocados diante dele”.

Já o item “Passarinho”, na linguagem dos internos, significa informante, alcagute ou dedo-duro, como o pássaro canta/assobia em vários lugares, o informante espalha a outrem os

⁶ STJ: Sem gravata, advogado é gentilmente convidado a se recompor. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/355610/stj-sem-gravata-advogado-e-gentilmente-convidado-a-se-recompor>. Acesso em: 28. fev. 2022.

⁷ *ibid*

⁸ HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

⁹ Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

assuntos que não pode. Conforme o Dicionário Houaiss (2009, p. 84): alcagueta s.2g. B infm. 1 m.q. alcagüete (‘espião e delator’).

O termo metaforizado “jega”, relacionado ao jegue, que é um animal, contém o significado de cama. Como as camas das unidades prisionais são feitas de concreto, pode-se dizer que não são confortáveis e que é “como andar em um jegue”. No dicionário de português *on-line*¹⁰ o termo consiste em um “animal mamífero, da família dos *Equus asinus*, usado para transportar carga: a roça era movida por jegues”. Quanta à forma “jega”, observamos que a concordância feita pelos detentos acompanha o substantivo o qual se refere a “cama” que está no feminino”.

Ao compararmos esses dados ao trabalho de Gunther (2010), identificamos alguns termos que contém significação contrária à utilizada no contexto de nossa pesquisa. Para isso, apresentamos a seguir o Quadro (2), com as gírias obtidas na pesquisa feita em unidade prisional do Mato Grosso (MT). A exemplo do que analisamos anteriormente, constatamos a variação diatópica (que varia de um espaço ou lugar, por limites geográficos). Por exemplo: corda, advogado e bilhete ganham acepções diferentes.

Quadro (2): Gírias do Mato Grosso encontradas também nas unidades da região Centro-Oeste (nomes diferentes com o mesmo significado)

Mato Grosso		Região Centro-Oeste
GÍRIAS¹¹	SIGNIFICADOS DAS GÍRIAS	GÍRIAS¹²
Bereu	Bilhete	Pipa
Bomba, birico, macaquinho ou papagaio	Aparelho celular habilitado e utilizado pelos presos no interior de cadeias ou estabelecimentos penais diversos	Radinho
Bota fora	Advogado	Gravata
Brinquedo	Arma ou arma no geral	Ferro ou Quadrada
Cascuda	Vasilha utilizada nas refeições, marmita	Blindada
Casinha	Emboscada, armadilha	Tocaia
Chica ou Tereza	Corda que liga uma cela a outra	Tia
Chico ou trator	Bater em outro preso	Dá um salve

¹⁰ Ibid

¹¹ GUNTHER. Halan Coelho da Silva. A linguagem oral utilizada m um estabelecimento prisional de barra do garças-MT: algumas perspectivas sociolinguísticas. Disponível em: http://www.bibliotecapolicial.com.br/upload/documentos/LINGUAGEM-ORAL-NUM-PRESIDIO-21069_2011_9_20_59_6.pdf. Acesso em: 10.set. 2021.

¹² Fonte: Autora – Gírias utilizadas nas unidades da região Centro-Oeste do Paraná.

Tranca	Castigo / isolamento	Na pedra
Truta	Membro de quadrilha, parceiro de confiança para prática de crimes diversos, homem de confiança pessoal, pessoal leal	Irmão
Vai cair, Vai rodar	Vai ser executado, morto	Decretado

Fonte: Autoria Própria

No quadro (2) notamos que as gírias específicas dos detentos podem ser diferentes. Pensamos que a possível causa dessa alteração pode estar ligada à passagem do tempo ou por se tratar de outra região. Isto é, variação diacrônica e variação diatópica, respectivamente.

Vale ressaltar que as variedades de fala historicamente vistas - ou que são vistas como gírias não são idênticas umas das outras. Por exemplo, temos o caso da palavra celular que no Estado do Mato Grosso recebe o nome de “papagaio” e, na região centro-oeste do Paraná é nomeada com “radinho”. Percebemos, com isso, que elas diferem enormemente entre os usuários, seja por conta região, seja por conta da estratificação social, nas configurações de seu uso apropriado, nas línguas dentro das quais elas são funcionalmente diferenciadas com registros; e nas relações históricas entre usuários da gíria e outros falantes da língua.

Os vocabulários de gírias normalmente funcionam como registros diferenciados dentro dos repertórios totais de uma língua, e seus próprios repertórios tendem a pertencer a domínios lexicais altamente restritos, principalmente palavras que denotam pessoas e suas atividades (PRETI, 2004), isso pode ser observado na utilização da palavra “arma” que no Estado do Mato Grosso é “brinquedo” e, na região centro-oeste do Paraná é chamada de “ferro ou quadrada”. Além disso, as gírias se modificam ao longo do tempo; conhecer uma gíria é saber que ela é apropriada apenas para certas ocasiões. Nesse sentido, a gíria é um registro contextual da fala e, como qualquer outro registro, a competência efetiva no registro inclui o conhecimento de quando não usá-la. Podemos encontrar ocasiões em que o uso de expressões de gíria é ratificado pelos interlocutores, conforme a situação interacional atual ou pela decorrência do lapso temporal (AMARAL, 2000).

A seguir, também apresentamos algumas escolhas lexicais que são análogas nos dois contextos prisionais (Quadro 3).

Quadro (3) - Gírias do Mato Grosso significado iguais nas duas regiões

GÍRIAS UTILIZADAS PELOS DETENTOS EM AMBAS REGIÕES	SIGNIFICADOS DAS GÍRIAS
Boi	Buraco dentro do coletivo, destinado à satisfação das necessidades fisiológicas

Coruja	Cueca
Jacaré	Serra
Jega	Cama
Praia	Dormir no chão
Seguro	Cela separada , privada do convívio com os outros internos
X9	Interno informante

Fonte: Gunther (2010) e a Autora

Com as observações arroladas, encontramos o uso de gírias e jargões semelhantes, como foi o caso dos termos: pipa, tocaia e tia; por sua vez, as mesmas palavras possuem outras designações no Estado de Mato Grosso: bota fora, bereu, casinha, chica ou tereza, conforme os quadros 1 e 2.

Por outro lado, podemos perceber que nos dados deparamo-nos com diferentes usos para algumas gírias, evidenciando a variação diatópica utilizada nesse meio, como foi o caso de: advogado, bilhete, emboscada e corda (que liga uma cela a outra).

Com isso, é possível dizer que os detentos fazem a sua escolha de sentido metafórico para se referirem às palavras de acordo com sua vivência. Ao comparar nossos dados aos dados apresentados por Gunther (2010), encontramos algumas palavras que apresentam variações – diastráticas e diatópicas – e, outras não. Os achados também mostram a designação de gírias comuns às duas regiões, como para: buraco dentro do coletivo; cueca, serra, cama, as expressões - dormir no chão, cela separada e, interno/informante. Dessa forma, notamos que ainda que os indivíduos sejam de regiões diferentes, existem gírias que contêm o mesmo significado.

Por fim, compreendemos que, muitas vezes, a escolha das palavras está relacionada ao esquema de imagens, por isso elas são a forma centralizada da construção conceitual, isso de acordo com os requisitos da semântica cognitiva (ARRAZ, 2019). É possível dizermos que a partir da vivência de mundo, os falantes desenvolvem as estruturas conceituais básicas, organizando seus pensamentos a respeito de outros domínios externalizados por meio desses dialetos estudados por meio de nosso recorte.

Considerações finais

Diante de nossas observações e o desenvolvimento dessa pesquisa, percebemos que a língua funciona pela prática sociais, e apesar do desenvolvimento de outras tecnologias, que trouxeram outros meios de comunicação, como os smartphones e tablets, a interação em sistemas prisionais, que limita ou mesmo impossibilita o uso desses dispositivos, esse contexto ainda exhibe variedades e especificidades desse grupo que, além de revelar o contexto social desses falantes, como é o caso do termo “blindada” para marmita; o uso está associado às

gírias as quais são marcas do estigma de origem, e que “ *muitas vezes ela chega a estampar a miséria, a insegurança, a humilhação, a revolta contida, a insatisfação, o medo, a opressão, a rebeldia, o desprezo*” (CABELLO, 2002, p. 178) , como é o caso da expressão na pedra que significa no chão.

Entendemos com essa pesquisa que as condições e interações são asseguradas por meio do mecanismo da linguagem, mas respeitar e preservar as escolhas linguísticas das pessoas que vivenciam o sistema prisional é fundamental para o reconhecimento de sua humanidade. E que mesmo os falantes estando isolados, há termos que são semelhantes e, outros totalmente diferentes. Acreditamos que tal diferença envolva fatores que não são somente o significado do signo em questão, mas sim fatores sociais e geográficos que esses falantes possuem em sua identidade social.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. Os conceitos de neologia e neologismo segundo as obras lexicográficas, gramaticais e filosóficas da língua portuguesa. *In*: NUNES, J. H.; PETTER, M. (orgs.) **História do Saber Lexical e constituição de um Léxico brasileiro**. São Paulo, SP: Humanitas, FFLCH-USP e Pontes, 2002.

AMARAL, Emília. FERREIRA, Mauro. LEITE, Ricardo. ANTÔNIO, Severino. **Português: Novas Palavras: literatura, gramática, redação**, São Paulo: Ed. FTD, 2000.

ARRAZ. Fernando Mirando. **Gíria socioeducativa**: recurso linguístico utilizado pelos adolescentes e/ou jovens que cumprem medida de internação socioeducativa. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/5612>. Acesso em: 20 fev. 2022.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico. O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.

BORBA, Francisco S. (Org.) **Dicionário do português contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

CABELLO A. R. G. Linguagens especiais: realidade linguística operante. Ponta Grossa- PR: **UniLetras**, v.24; 2002. Disponível em: www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/242/238. Acesso em: 10. Fev. 2022.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CANÇADO, M árcia. **Manual de semântica**. São Paulo: Contexto, 2012.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 02.mar. 2022.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GUNTHER, Halan Coelho da Silva. **A Linguagem Oral Utilizada Em Um Estabelecimento Prisional De Barra Do Garças-Mt**: algumas perspectivas sócio-linguísticas. Disponível em: http://www.bibliotecapolicial.com.br/upload/documentos/LINGUAGEM-ORAL-NUM-PRESIDIO-21069_2011_9_20_59_6.pdf. Acesso em: 10.set. 2021.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro, 2010.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. Há 726.712 pessoas presas no Brasil. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil>. Acesso em: 19 Mar. 2022.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

OGLIARI, Marlene Maria. **As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80771>. Acesso em: 12. Fev. 2022.

OLIVEIRA M. L. T. **A gíria dos internos da FEBEM**. [Dissertação] São Paulo: PUCSP; 2006.

PINKER, Steven. **O que nossos hábitos de linguagem revelam**. Entrevista: 2005. Disponível em: https://www.ted.com/talks/steven_pinker_what_our_language_habits_reveal/transcript?awes_m=on.ted.com_b0KDw&share=1c228a6d22&utm_campaign=&utm_content=roadrunner-rshorturl&utm_medium=on.ted.com-none&utm_source=direct-on.ted.com. Acesso em: 27. fev. 2022.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis da fala. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

REMENCHE M. L. R. **As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná**. [Dissertação] Londrina: UEL-Universidade Estadual de Londrina. 2003.

STELLA, Léa Poiano. **Tá tudo dominado**: a gíria das prisões. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/14565>. Acesso em 17.mar.2022.

STJ: **Sem gravata, advogado é gentilmente convidado a se recompor**. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/355610/stj-sem-gravata-advogado-e-gentilmente-convidado-a-se-recompor>. Acesso em: 28. fev. 2022.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001. [32]

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.